



## B&W PM1

# umas monitoras muito especiais

A Convenção EISA costuma ser um momento no ano em que somos surpreendidos com protótipos que estavam a ser desenvolvidos «por detrás das cortinas». E, embora já tivesse tido algumas indicações sobre o projecto de umas novas colunas monitoras por parte da B&W, não deixei de ficar surpreendido quando Mike Gough, o responsável de marketing europeu da marca, fez uma demonstração das PM1. E surpreendido porque o produto em si não é muito convencional. De facto, as PM1, com um acabamento magnífico, são diferentes em termos de virem a encaixar numa categoria que não existia até agora dentro da gama da B&W: são assim

como que umas Diamond 805 mais pequenas, ficando pois como que a meio caminho entre estas colunas e a gama CM. No entanto, de acordo com Mike, as PM1 não pretendem vir a definir uma nova gama, o que significa que não devem ser complementadas com outros modelos diferentes em dimensões nem com versões viradas ao cinema em casa.

Estas são umas monitoras «puras e duras», no velho estilo das colunas monitoras, e especificamente destinadas a funcionarem em áudio, embora o seu público-alvo se encontre algo mais acima da gama de entrada da B&W, uma vez que o seu preço anda em volta dos 2500 euros.

Novamente segundo Mike, não existe mercado para uma quarta gama da B&W, e daí a concentração de esforços da marca no sentido de produzir umas monitoras de alto gabarito e com uma sonoridade que não deslustre em comparação com as Diamond, embora com um *design* totalmente original. Este *design* esteve por conta da Native, uma empresa que já trabalhou com a B&W noutros projectos, tais como os Zeppelin nas suas várias versões, os auscultadores P5 e os auriculares C5. E posso dizer que resultou em cheio, principalmente quando as PM1 são montadas nos suportes dedicados, local onde se instalam de modo perfeito.

Tendo em conta que a Convenção EISA teve



lugar no meio do mês de Maio, não é difícil compreender a expectativa que tive de gerir até ter em definitivo um par nas minhas mãos, até porque os protótipos que ouvi tinham uma sonoridade magnífica. Passemos então à:

#### Descrição técnica

A PM1 é um projecto de duas vias e a caixa forrada a madeira natural é envernizada com um acabamento de luxo e está encimada por um *tweeter* contido no invólucro tubular que tornou tão famosa a série Nautilus. O desenho da caixa baseou-se na original cabeça utilizada nas Nautilus e a sua forma arredondada ajuda a minimizar a dispersão, embora a fabricação não seja fácil. As paredes têm duas camadas de material, sendo a exterior produzida a partir de um polímero de estabilização térmica, o qual permite implementar facilmente o acabamento pretendido, e no interior foi aplicado um composto com capacidades de amortecimento, que ao mesmo tempo melhora o carácter inerte da estrutura da caixa. No interior temos uma estrutura do tipo Matrix, tal como a utilizada nas Diamond, e a tecnologia *bass-reflex* com saída traseira, podendo ser controlada a saída de ar através da abertura Flowport por intermédio de dois cilindros de espuma fornecidos com as colunas.

O *tweeter* tem uma membrana de alumínio, tendo a frequência de *break-up* sido estendida até aos 40 kHz. O *design* deriva do que foi utilizado nas 8055 e a diferença principal está na utilização de um anel de grafite colocado em volta da bobina. Daqui resultou uma resposta axial quase plana até 30 kHz e uma estrutura harmónica altamente coerente e quase independente da posição do ouvinte em relação ao altifalante. Claro que este desempenho é

igualmente resultado da utilização de um novo material circundante e de um íman extra que reforça o campo magnético e o torna mais uniforme.

O altifalante de graves-médios de 5 polegadas de diâmetro (127 mm) utiliza o tão renomado cone de Kevlar, desta vez complementado com um dispositivo de anti-ressonância no centro. A rigidez e resistência do EVA, material utilizado nesse dispositivo, foram ajustadas de modo a amortecer a tendência da forma da bobina para sair fora da zona de controlo perto dos modos de ruptura do cone, uma vez que a bobina de voz fica totalmente selada através deste dispositivo.

O *crossover* é um projecto extremamente simples, com apenas três componentes – um condensador Mundorff, uma bobina de núcleo de ar e uma resistência.

A frequência de resposta vai de 48 Hz até 22 kHz ( $\pm 3$  dB), a sensibilidade é de 84 dB/W/m, a impedância nominal é de 8 Ohm, com um mínimo de 5,1 Ohm, e a frequência de crossover entre as duas

unidades activas é de 4 kHz. Os acabamentos incluem diversos tipos de madeira natural, bem como o que a B&W designa por Moka brilhante. O peso é significativo (9,3 kg por coluna), principalmente quando montadas nos suportes dedicados, situação em que chegamos aos 20 kg. Estes suportes têm um belíssimo acabamento, sendo as diversas partes solidamente aparafusadas entre si, incluindo nesta situação as colunas, o que evita que elas caiam ao chão devido a um choque accidental e, ao mesmo tempo, melhora o seu desempenho global, já que aumenta a rigidez. É possível escolher entre os *spikes* convencionais e pés de material sintético, mais «amigáveis» do revestimento do soalho.

#### Audições críticas

As PM1 foram introduzidas no meu sistema habitual, com amplificação a cargo do Mark Levinson N.º 27.5 e cablagem Kimber Select KS3035, prévio autoconstruído, fonte digital Accuphase DP85 e fonte analógica Basis



## TESTE B&W PM1

Gold Debut com braço SME V e cabeça van den Hul Grassopher. Foram ainda feitas algumas audições com o amplificador a válvulas M845, da Pure Sound.

Todos os leitores da Audio & Cinema em Casa sabem que, para além das colunas de painel, as monitoras são umas das minhas favoritas. E isto porque têm normalmente uma boa capacidade de reprodução da imagem espacial e, ao mesmo tempo, usam geralmente uma topologia interna extremamente simples, o que facilita a sua combinação com diversos tipos de amplificadores. No caso da PM1 isso é mais

que evidente, em face de o mínimo de impedância ser razoavelmente elevado, embora a sensibilidade relativamente baixa (84 dB/W/m) aconselhe amplificadores com boas capacidades de fornecimento de corrente.

Embora as PM1 possam ser bicabladas, utilizei os *shunts* de alta qualidade com elas fornecidos para implementar a ligação por um único cabo.

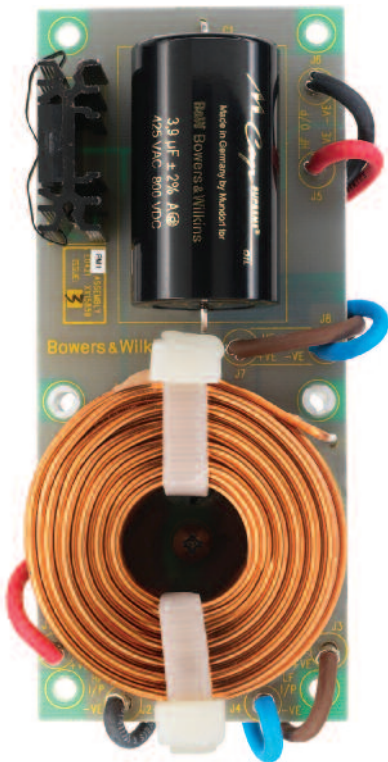
Sendo um pouco mais caras que as 805S e mais pequenas, as PM1 dedicam-se indubitavelmente a um *target* formado por compradores esclarecidos, com algum di-

nheiro disponível e preocupações estéticas. Mas isso não significa que a B&W tenha de algum modo comprometido a performance final, conforme eu tinha detectado da primeira vez que as ouvi e pude confirmar quando as tive em casa.

E o que mais surpreende quem as ouve pela primeira vez é a extensão em frequência dos sons por elas emitidos, não só no extremo agudo (o novo *tweeter* é realmente muito bom) como muito em especial nos graves, fortes e imponentes como não se esperaria a partir de umas colunas tão diminutas.







Depois de um processo de instalação muito rápido, incluindo a fase do posicionamento exacto na sala (ficaram quase exactamente onde eu costumo colocar as Quad), passei então às audições a sério, e aqui confirmei o que disse acima: as PM1 reproduzem um palco espacial muito amplo e estável, o qual pode ser apreciado a partir de mais do que um ponto de escuta, demonstrando uma vez mais que a B&W se está dirigindo a um público com hábitos de audição mais latos que o normal e, diria mesmo, menos egoístas. Mais, embora não sejam exactamente colunas para tocar extremamente alto, nenhuma das características espaciais das PM1 se altera quando se eleva o volume de audição.

Ao mesmo tempo, a gama média das PM1 é nada menos que soberba, uma das melhores que eu conheço na marca, muito perto daquilo que eu me lembro de ouvir nas 805 Diamond. O faixa *All That I've Got*, de Wendy Maharry, do CD com o nome da cantora como título, começa com alguns sussurros do coro e Wendy a cantar muito baixo. Estes sons foram reproduzidos com excelente naturalidade por parte das PM1 e não detectei qualquer perda de definição ou clareza quando a dinâmica da música aumentou e os instrumentos se juntaram às vozes. Podia continuar a descortinar cada voz e cada instrumento como uma fonte de

som individual e nenhum se destacava excessivamente em relação aos restantes mesmo que soasse algo mais alto.

O piano foi indubitavelmente um instrumento reproduzido com grande garbo por parte das PM1, sem ênfase das características percussivas do instrumento em relação aos aspectos harmónicos resultantes das vibrações das cordas e da caixa. Do mesmo modo, as vozes masculinas profundas, tais como a de Leonard Cohen, não eram enfatizadas de modo nenhum, embora exibissem toda a sua profundidade e garbo. A voz deste cantor soou relativamente seca, tal como soa ao natural, mas incrivelmente poderosa em *Take This Waltz*, uma das canções de Leonard que eu mais aprecio. Por outro lado, Hans Tesselink soou enorme e másculo na faixa *Call Me*, presente num CD de teste da Burmester que me foi oferecido há uns anos. Não há dúvida de que, bem combinadas com um sistema à altura, as PM1 podem ser umas colunas tão boas como não é fácil encontrar a este preço e com este tamanho.

Mas, como referi acima, os graves que saem deste corpo tão compacto são incrivelmente cheios, profundos e com um recorte preciso que permite distinguir cada batida de um tambor ou uma bateria, mesmo quando fortemente percutidos. E as orquestras, mesmo as sinfónicas bem completas, não se sentem diminuídas quando interpretadas através destas colunas, muito pelo contrário, como pude comprovar pela audição, por exemplo, do LP da *Scherzade*, de Rimsky-Korsakov, uma excelente prensagem da Reference. Fiquei positivamente embasbacado com a alacridade, clareza e presença dos instrumentos de metal, uns intervenientes sempre por demais presentes numa obra de um compositor russo. Ao mesmo tempo, as cordas desta gravação tão agradável foram sempre apropriadamente sedosas ou bem salientes e com um forte recorte, dependendo daquilo que a situação requeria.

#### Conclusão

Aqui estão umas monitoras com que eu viveria feliz por muitos anos, como se dizia sempre no final dos contos infantis. São fáceis de posicionar, não tão complicadas de alimentar (os 27 W a válvulas do M845 foram mais que suficientes), são ágeis e dinâmicas e não se atemorizam nos graves, apesar do seu tamanho bem compacto.

Claro que esta qualidade de desempenho e acabamento não se consegue a um preço tão baixo como muitos gostariam, mas esse é um pequeno óbice perante tão grandes qualidades.



# Bowers & Wilkins PM1



Para começar, devo referir que as B&W PM1 foram umas colunas que me despertaram curiosidade imediata. Gosto de peças bonitas e a marca tem reputação de as fazer lindas e com um desempenho a condizer. Para ampliar a curiosidade, encontrei-as durante as férias de Verão numa das páginas daquelas revistas oferecidas nos hotéis com as propriedades luxuosas que se podem adquirir no Sul de Espanha, os iates a transbordar requinte, entre outros anúncios de aspirações de outro mundo, o que é bem revelador do seu posicionamento comercial.

Sendo o domínio estético uma área de maior subjectividade, a qualidade dos acabamentos, a facilidade de montagem e afinação, com inclusão de robustos suportes, bases, *spikes*, borrachas e *jumpers*, confirmavam as minhas melhores expectativas. Mas, acima de tudo, a B&W gosta de promover a Sociedade do Som (vejam-se, na página da Internet [http://www.bowers-wilkins.eu/Society\\_of\\_Sound/Society\\_of\\_Sound/overview-redirect.html](http://www.bowers-wilkins.eu/Society_of_Sound/Society_of_Sound/overview-redirect.html), as gravações que faz e disponibiliza com grande respeito pela qualidade de som proporcionada ao ouvinte), pelo que é de desempenho na reprodução sonora que nos interessa falar. As audições

foram realizadas com electrónica da Lyngdorf, o leitor CD-1 e o amplificador TDAI 2200, o regenerador de corrente PPP da PS-Audio e cablagem Heimdall da Nordost.

Começando por ambientes acústicos e conjuntos relativamente pequenos, no álbum *We Sing, We Dance, We Steal Things*, de Jason Mraz, a prestação proporciona-nos um palco e presença creíveis, as vozes bem focadas e cordas bem definidas na sua percussão e uma imagem global integrada e consistente, com bom nível de detalhe. Esta primeira leitura é confirmada na audição de Lisa Ekdahl, nomeadamente no registo *Daybreak*, onde a bossa nova flui plena de ritmo e balanço, preenchida pela incontornável boa disposição e tranquilidade feliz desta sueca, que neste álbum (en)capta as composições do seu companheiro Salvatore Poe. Os agudos são límpidos e objectivos, com boa extensão e integração com a unidade de médios-graves, permitindo uma atractiva riqueza harmónica e resolução. Mas provavelmente o mais surpreendente será a prestação da unidade de Kevlar e a sua optimização com o pórtilo frontal. De facto, na faixa *Peace Frog* do álbum *Morrison Hotel* dos The Doors, somos presenteados com um bom *punch*, uma

bateria bem definida, dinâmica, presente. Não é de mais reforçar a excelente integração global destas colunas. A espantosa articulação entre as unidades e a excelente coesão com o pórtilo frontal conferem ao som uma densidade e corpo acima do expectável atendendo à dimensão das colunas, sem lhes tirar uma rapidez de execução fascinante, possibilitando uma prestação plena de dinamismo e vida.

Este encantamento mantém-se quando passamos para conjuntos mais complexos e numerosos e comparamos com o que poderia ser a expectativa em face das dimensões da coluna e do seu nível de preços. Dentro dos limites da física, as B&W PM1 ampliam o que podemos esperar da tecnologia, da qualidade na reprodução sonora e do bom gosto para este patamar de preços e não só.

**Preço:** 2500 euros

**Preço dos suportes:** 500 euros

**Representante:** B&W Group Spain; delegado em Portugal: Alberto Silva

**Web:** [www.bwportugal.blogspot.com](http://www.bwportugal.blogspot.com); [www.bowers-wilkins.es](http://www.bowers-wilkins.es)